

O INDO-PACÍFICO COMO EPICENTRO DA DISPUTA DE PODER SINO-ESTADUNIDENSE

JULIA MARIA SOARES ANDRADE RUDRIGUES¹; WILLIAM DALDEGAN²

¹*Universidade Federal de Pelotas – juliarudrigues@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – william.daldegan@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

O alvorecer do século XXI trouxe consigo instabilidade para o sistema internacional, o qual tem enfrentado uma crise na liderança hegemônica dos Estados Unidos contraposta à ascensão econômica, política e tecnológica da China como potência mundial (SCHUTTE, 2021; WALDRON, 2020) e promovido a rivalidade sino-estadunidense (PAUTASSO; NOGARA, 2023). Este cenário causou o início da transição do centro de rivalidade entre grandes potências do Ocidente para o Oriente e transformou o Indo-Pacífico em um centro de disputa (DEB; WILSON, 2021).

Geoespacialmente, o Indo-Pacífico se estende da costa leste da África até a costa oeste dos Estados Unidos, abrangendo as rotas marítimas mais críticas do globo (AGNIHOTRI, 2022). O conceito de Indo-Pacífico, entretanto, remonta ao Comando do Pacífico dos Estados Unidos (SATO, 2023), criado em 1947 e hoje considerado o maior e mais antigo comando unificado estadunidense (U.S INDO-PACIFIC COMMAND, 2024). Em 2022 a administração de Joe Biden (2021-Presente) atualizou a estratégia estadunidense para a região, estabelecendo cinco objetivos: (i) propulsionar um Indo-Pacífico livre e aberto; (ii) construir conexões com os países da região e também países externos a ela; (iii) propulsionar o desenvolvimento regional; (iv) aumentar a segurança regional; e (v) construir um Indo-Pacífico resistente à ameaças transnacionais (WHITE HOUSE, 2022).

Os Estados Unidos consideram a China uma das principais razões de seu foco no Indo-Pacífico. De acordo com a Casa Branca, a China tem combinado suas capacidades econômicas, militares, tecnológicas e diplomáticas a fim de criar uma esfera de influência no Indo-Pacífico e se tornar a potência global mais influente do sistema internacional. Evidências disso seriam a coerção econômica imposta à Austrália, a intensificação das disputas com a Índia na Linha de Controle Real (LAC), a pressão sobre Taiwan e os conflitos ao longo do Mar do Sul e do Mar do Leste da China (WHITE HOUSE, 2022).

Efetivamente, a China tem expandido sua influência no Indo-Pacífico e vem se estabelecendo paulatinamente como uma potência global influente capaz de rivalizar com os Estados Unidos. A grande estratégia da China se materializa na Iniciativa Cinturão e Rota (BRI – sigla em inglês), uma iniciativa de interconectividade, infraestrutura e integração sob a liderança e financiamento do país (PAUTASSO; NOGARA, 2023; ZHAO, 2021). Lançada em 2013 pelo Presidente Xi Jinping, a BRI conta com seis corredores terrestres – China-Mongólia-Rússia, Nova Ponte Terrestre Eurasiática, China-Ásia Central-Ásia Ocidental, China-Paquistão, Bangladesh-China-Índia-Mianmar e China Indochina – e com a Rota da Seda Marítima do Século XXI, ligando a China por terra e por mar aos principais portos e cidades da Ásia, da África e da Europa.

Potências mundiais importantes situadas proximamente ao território da China têm assistido a ascensão do país na região com cautela. Exemplo disso é a

reativação do Diálogo de Segurança Quadrilateral (QUAD – sigla em inglês), arranjo diplomático estabelecido entre Japão, Índia e Austrália com os Estados Unidos que remonta ao tsunami do Oceano Índico em 2004. Segundo HEIDUK; WIRTH (2023) o interesse em revitalizar o grupo surgiu em 2017, ano no qual a relação dos países do QUAD com a China se encontrava particularmente estremecida em razão da Guerra Econômica entre Estados Unidos e China e da escalada nos conflitos no Mar do Sul e no Mar do Leste da China e na LAC.

As mudanças econômicas, tecnológicas e políticas geradas pelo ganho de poder da China no sistema internacional significam, portanto, que este ator tem potencial para alterar o sistema de forma a alcançar a realização de seus interesses em detrimento do atual *hegemon* – os Estados Unidos. Considerando-se o Indo-Pacífico o atual centro de disputa entre ambas as potências, a BRI pode ser considerada a principal estratégia da China para realizar seus interesses e expandir sua influência na região, além de garantir seu acesso às rotas marítimas essenciais ligadas ao Oceano Índico. Da mesma maneira, a determinação de uma estratégia para o Indo-Pacífico e a consolidação de alianças com as demais potências da região, como visto na revitalização do QUAD, por parte dos Estados Unidos, pode ser considerada um esforço do *hegemon* de conservar sua esfera de influência e poder na região. Tal dinâmica implica um desafio à hierarquia de prestígio e alterações na distribuição de poder no sistema internacional. Torna-se, portanto, pertinente, o objetivo geral da pesquisa: analisar que tipo de mudança está ocorrendo atualmente no sistema internacional – se de sistema, sistêmica ou de interação.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa possui natureza analítica. Até o presente momento foi realizada uma revisão bibliográfica exploratória que permitiu delimitar o tema, problema de pesquisa, objetivo geral, hipótese e marco teórico. Pretende-se adotar como metodologia para a execução da pesquisa o estudo de caso interpretativo disciplinado. Este instrumento metodológico permite aplicar sistematicamente o aparato teórico-conceitual da teoria da mudança política internacional de Robert Gilpin, estabelecida em sua obra *War and Change in World Politics*, publicada em 1981, no caso da instabilidade no sistema internacional causada pela ascensão da China e pela crise na liderança hegemônica dos Estados Unidos. Este procedimento torna possível analisar que tipo de mudança internacional encontra-se atualmente em curso — se de sistema, sistêmica ou de interação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa destina-se a um trabalho de dissertação de mestrado e encontra-se em seus estágios iniciais de desenvolvimento. Desta forma, ainda não foram obtidos resultados. Adota-se como marco teórico-conceitual a teoria da mudança política internacional de Robert Gilpin. Esta teoria: (i) permite analisar que tipo de mudança está ocorrendo no sistema internacional no presente momento – se de sistema, sistêmica, ou de interação; (ii) considera o aumento de influência sobre os comportamentos de outros Estados e a formação de esferas de influência como um dos principais objetivos dos Estados; e (iii) inclui em sua concepção o declínio de lideranças hegemônicas assim como a ascensão de novos poderes no sistema.

GILPIN (1981), ao propor a teoria da mudança política internacional, determina que esta possui foco no sistema internacional e nos esforços realizados pelos atores com o propósito de mudar o sistema em prol da execução de seus próprios interesses. De acordo com o autor (1981) os interesses realizados no sistema internacional tendem a pertencer aos Estados mais poderosos. GILPIN (1981) determina ainda que grandes transformações econômicas, militares e tecnológicas são as principais fontes de mudanças políticas internacionais, e destaca os principais fatores capazes de gerar tais mudanças: (i) os avanços nas tecnologias de comunicação e transporte; (ii) as novas tecnologias e técnicas militares; e (iii) as mudanças no sistema econômico internacional. Quando essas transformações geram grandes perdas para determinados Estados, e grandes ganhos para outros, sem que essas perdas e ganhos possam ser prevenidos pela configuração corrente do sistema internacional, um desequilíbrio é gerado.

De acordo com GILPIN (1981) três tipos de mudança internacional podem acontecer em um sistema instável: a de sistema, a sistêmica, e a de interação. A mudança de sistema consiste em grandes transformações na natureza dos atores que compõem o sistema, e diz respeito à ascensão e declínio de entidades tais como Estados-nação, impérios e corporações multinacionais. A mudança sistêmica, por sua vez, abrange alterações na forma de governança e controle do sistema internacional, e implica mudanças na hierarquia de prestígio, na distribuição de poder, e nas regras e normas que regem o sistema. A mudança de interação, por fim, engloba as modificações nas interações e processos políticos entre os atores, e frequentemente resultam de tentativas de acelerar mudanças mais profundas no sistema internacional.

Estabelece-se, a partir disso, a hipótese da pesquisa de que o tipo de mudança que está ocorrendo atualmente no sistema internacional é a mudança sistêmica. A disputa de poder entre Estados Unidos e China no Indo-Pacífico sugere que a distribuição de poder se alterou radicalmente, e que os custos para que o *hegemon* – Estados Unidos – mantenha o *status quo* aumentaram, ao passo que os benefícios para que a mudança do *status quo* aconteça e passe a realizar seus interesses ultrapassam os custos para a potência em ascensão – a China. Entretanto, a hierarquia de prestígio, apesar de estar sendo desafiada, permanece a mesma, assim como as leis e regras que regem o sistema. Essa configuração sugere que a mudança está acontecendo dentro do sistema ao haver uma potência cuja liderança hegemônica se encontra em crise e outra em ascensão, mas o sistema em si não tem sofrido alterações. Não se descarta, nesta hipótese, que mudanças de interação, ou seja, nas interações e processos políticos entre os atores, possam estar ocorrendo. Entretanto, hipotetiza-se que, caso existam, estas consistem em tentativas de acelerar mudanças mais profundas no sistema.

4. CONCLUSÕES

O propósito da presente pesquisa é contribuir com o desenvolvimento do campo da Ciência Política, e especialmente das Relações Internacionais e da Economia Política Internacional. A relevância do trabalho encontra-se em seu potencial de oferecer uma compreensão aprofundada da atual configuração do sistema internacional através da execução de uma análise da disputa de poder contemporânea entre Estados Unidos e China no Indo-Pacífico. Além disso, espera-se que esta pesquisa possa contribuir com a agenda de pesquisa acerca da mudança política internacional com base em Robert Gilpin.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGNIHOTRI, P. Shared Situational and Domain Awareness as an Initial Framework for Strengthening the Quadrilateral Security Dialogue. **Journal of Indo-Pacific Affairs**, Julho-Agosto, 2022.

DEB, S; WILSON, N. The Coming of Quad and the Balance of Power in the Indo-Pacific. **Journal of Indo-Pacific Affairs**, v. 4, n. 9, p. 111-121, 2021.

GILPIN, R. **War and change in world politics**. New York: Cambridge University Press, 1981.

HEIDUK, F; WIRTH, C. The Quadrilateral Security Dialogue between Australia, India, Japan and the United States: More symptom than solution to the problem of growing instability in the Indo-Pacific. **Stiftung Wissenschaft und Politik**, 2023.

PAUTASSO, D; NOGARA, T. S. The Belt and Road Initiative's Security Challenges: The Chinese Globalization Project and Sino-American Rivalry. IN: DUARTE, Paulo A. B.; LEANDRO, Francisco J. B. S.; GALÁN, Enrique M. **The Palgrave Handbook of Globalization with Chinese Characteristics: The Case of the Belt and Road Initiative**, p. 529-542. London: Palgrave Macmillan, 2023.

SATO, Y. The United States in the Indo-Pacific: An overstretched hegemon? IN: KRATIUK, B. et al. **Handbook of Indo-Pacific Studies**, p. 331-342. New York: Routledge, 2023.

SCHUTTE, G. R. The challenge to US hegemony and the “Gilpin Dilemma”. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 64, p. e004, 2021.

U.S INDO-PACIFIC COMMAND. **History of United States Indo-Pacific Command**. U.S Indo-Pacific Command, 2024. Acessado em 16 jun. 2024. Online. Disponível em: <https://www.pacom.mil/About-USINDOPACOM/History/>.

WALDRON, K. Gilpinian Realism and Peaceful Change: The Coming Sino-American Power Transition. **E-International Relations**, v. 23, p. 1-11, 2020.

WHITE HOUSE. **Indo-Pacific Strategy of the United States**. White House, 2022. Acessado em 21 jun. 2024. Online. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2022/02/U.S.-Indo-Pacific-Strategy.pdf>.

ZHAO, M. The Belt and Road Initiative and China–US strategic competition. **China International Strategy Review**, p. 1-13, 2021.